

## “HÁ ALGO DE TERRÍVEL EM MIM”- ISILDA E A FRAGMENTAÇÃO DO EU

Camila Savegnago (CAPES/UFSM)  
camilasavegnago@yahoo.com.br

**RESUMO:** Parte do romance português- da geração pós 74- preocupa-se em revisitar criticamente o passado histórico de Portugal, especialmente o passado recente do país. Desse modo, o contexto sócio-histórico serve de pano de fundo para narrativas que problematizam a história oficial bem como a condição de sujeitos envolvidos direta ou indiretamente nesses acontecimentos. Uma das vozes mais expressivas dessa geração é a do escritor António Lobo Antunes, que atuou, como médico, na intervenção militar portuguesa em Angola. O escritor questiona, em *O esplendor de Portugal* (1997), a imagem do país como um império ultramarino vitorioso. A fim de observar como se estabelece a relação entre contexto histórico-social, marcado por conflitos, e personagens, esta comunicação analisará a construção da personagem Isilda em *O esplendor de Portugal*. Nesse romance, que se divide em três partes, emergem quatro vozes narrativas (Isilda, a mãe; Carlos, Rui, Clarisse, os filhos), sendo a voz de Isilda a que aparece reiteradamente em todos os capítulos, intercalando-se com a das outras personagens. Sua análise torna-se interessante, uma vez que ela representa uma voz feminina portuguesa, responsável pelos negócios e pela família, num contexto de colonização e, posterior, guerra civil em Angola. Pretendemos observar como esse contexto de violência, mortes, barbáries interfere no comportamento e na condição psicológica dessa personagem, quais as marcas /traumas que permanecem em Isilda e são determinantes para sua condição na história; também descortinar os dramas interiores da personagem, atentando à fragmentação do eu em meio a um contexto de constante tensão e medo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lobo Antunes; Guerra colonial; Personagem; Violência; Medo.

Portugal vivencia, desde o fim da década de 70, uma intensa produção literária, uma vez que, depois de décadas de ditadura militar, vigilância e silêncio, finalmente, escritores e artistas podem produzir e publicar livremente suas obras, falar sobre aquilo que a censura não lhes permitia. Nesse contexto, o romance reassume uma posição de destaque, no entanto é imprescindível ressaltar que essas narrativas não seguem as formas romanescas tradicionais, retomando e desenvolvendo algumas características já apresentadas desde os anos 50 e 60 nas produções literárias portuguesas.

Os romances portugueses, do que podemos chamar de a geração pós-74, em sua maioria, subvertem as formas tradicionais de narrar, questionando as convenções que dizem respeito a personagens, tempo, espaço e ao próprio enredo, além disso, questionam, de modo recorrente, enredos históricos. Em parte desses romances, há a preocupação em revisitar criticamente o passado histórico de Portugal, especialmente o passado recente do país: a Revolução dos Cravos e a guerra colonial- que funcionam como pano de fundo dos acontecimentos da ficção. Assim, é possível dizer que o tema

predominante em parte desses romances é o próprio Portugal e suas ex-colônias, sua gente, sua identidade, suas memórias, predominando, assim, uma perspectiva mais histórica. Um dos seus principais objetivos é provocar uma reflexão crítica acerca desse passado recente do país, contribuindo para que o silenciamento até então vivido, em virtude do predomínio do regime totalitário no país, não se transforme em esquecimento, bem como para que as vozes até então silenciadas em África, principalmente as dos colonos, cheguem e comecem a ser ouvidas em Portugal. De modo sucinto, são nomes representativos dessa tendência na literatura portuguesa: Lídia Jorge, António Lobo Antunes, Augusto Abelaira, Almeida Faria, José Saramago.

Desse modo, tem-se, em Portugal, um viés de testemunho em algumas produções literárias,

Narrativas de guerra, mas também narrativas de regresso, o corpus das obras literárias da guerra colonial, nas suas diferentes vertentes de textos-testemunho e textos-consequência sobre uma experiência pessoal e colectiva através da qual todos aprendemos uma outra verdade, reveste-se na ficção portuguesa de um valor duplo intrinsecamente cúmplice: são importantes elementos de reflexão sobre o modo europeu/português de estar em África (particularmente no crepúsculo do império) e simultaneamente peças indispensáveis para entender o modo de estar hoje em Portugal (RIBEIRO, 2004, p. 256).

Seguindo esse viés, é interessante observar com atenção a obra ficcional de António Lobo Antunes, escritor que trabalhou por um período de tempo em Angola como tenente e médico do exército português durante a guerra colonial. Ele acaba por impor direta ou indiretamente nas suas obras um carácter de testemunho, sendo na contemporaneidade uma das principais vozes da literatura portuguesa. Além de ter uma escrita de resistência ao tradicional, em que desafia os limites da forma e do conteúdo narrativo, também realiza uma revisão crítica da história de Portugal, na medida em que descortina o drama interior vivido pelas personagens, seus sentimentos, sofrimentos, angústias, juntamente com a denúncia do contexto sócio-político de um país em meio a um sistema ditatorial e a um processo de guerra colonial, bem como das colônias portuguesas, tendo em vista o processo de descolonização e guerra civil que se instaurou nelas.

Apesar de a temática histórica ser uma constante nas narrativas antunianas, esse passado é representado através de perspectivas particulares das personagens, uma vez que temos acesso a ele apenas pelo que foi vivenciado pela(s) personagem(s) narradora(s), ou seja, através de uma experiência muito pessoal apenas lembrada, muitas vezes. Sendo assim, esse relato não pretende ter status de verdade histórica inquestionável, predominando a incerteza, de modo que podem corroborar para isso o fato de, além da

visão pessoal, termos eventualmente vários pontos de vista sobre o mesmo acontecimento/fato.

Através de romances com múltiplas vozes, em que os limites entre os diferentes pontos de vista e os níveis temporais são praticamente abolidos, Lobo Antunes, utiliza, em muitos deles, a memória e as lembranças como fios condutores de sua narrativa, exigindo do leitor um árduo trabalho de reflexão e participação ativa na própria construção/reconstrução da narrativa. Destaca-se aqui ainda a necessidade de manutenção de pelo menos parte da verossimilhança, ainda que numa escrita fragmentária, pois se não houver comunicabilidade a narrativa perde seu sentido de ser.

Nesse sentido, a obra *O Esplendor de Portugal* (1997), de António Lobo Antunes, consegue convergir na sua narrativa quase todas as questões mencionadas acima. Falando de modo breve, essa narrativa está dividida em três grandes partes, cada uma dessas partes subdivididas em capítulos cujos títulos correspondem a datas/marcas temporais. O texto conta a história de uma família de colonizadores em Angola, cujo núcleo familiar é composto por um casal e três filhos, no entanto as vozes que aparecem na narrativa são a da mãe, Isilda, e a dos três filhos Carlos, Rui e Clarisse, a voz do pai aparece raramente e quando surge ela está misturada nas falas de outros personagens. Em cada uma das três partes predomina a voz de um dos filhos, sempre intercalada pela voz da mãe. Assim se nota que a voz da mãe é o elo entre eles, ainda que as vozes não dialoguem entre si, pois cada uma dialoga consigo e com as lembranças do seu próprio passado. O acesso a esse passado se dá através da evocação constante da memória, é graças a ela que percorremos os anos de 1978 a 1995, marcados temporalmente na narrativa, sendo que 1995 é o presente da enunciação. Parte-se de 1995 e retorna-se até 1978, período que abarca a Guerra Civil em Angola, no entanto, através da rememoração das personagens nós temos acesso a um passado ainda mais remoto, quando Angola ainda era colônia de Portugal. Todas as vozes narrativas recorrem insistentemente ao passado, de modo que não apresentam nenhuma ou quase nenhuma perspectiva de futuro ou esperança, bem como uma estagnação no presente, já que praticamente inexistem ações nesse tempo verbal.

Em *O esplendor de Portugal* (1997), acompanhamos a trajetória de uma família de colonizadores portugueses em Angola, desde a história da família que chegou em África para colonizar, um casal e sua filha, Isilda, até as vivências da família formada pela Isilda, com seu marido e seus três filhos, abarcando desse modo um período de tempo relativamente longo. A narrativa inicia no momento em que Isilda, a mãe, leva os seus três filhos para Luanda, a fim de embarcarem num navio e retornarem a Portugal, em

virtude do desencadeamento da guerra civil no país. Já ela permanece em Angola, retornando a sua decadente fazenda onde viverá com duas empregadas e dois empregados até o momento em que a fazenda e a casa são ocupadas por grupos de guerrilha. Toda a vivência dela com os pais, marido, filhos, será narrada por meio de fragmentos do passado que retornam a memória de modo arbitrário e constante, num fluxo de consciência, fragmentado e confuso.

O romance abarca, através da trajetória dessa família, a vivência dos colonos portugueses em Angola, sua prosperidade econômica e posição de dominação social e política, até o momento em que esses colonos começam a perder prestígio na colônia com a guerra colonial e, posterior, guerra civil. Observamos a instabilidade que se estabelece em Angola com os conflitos civis e como eles atingem os portugueses que permaneceram em África, mas que perderam seu posto de dominantes.

Partindo disso, proponho olhar com mais atenção para uma personagem central na narrativa – Isilda ( a voz presente nas três partes do livro), atentando para a maneira como esse contexto de violência, mortes, barbáries interfere no comportamento e na condição psicológica dessa personagem, quais as marcas /traumas que permanecem em Isilda e são determinantes para sua condição na história; descortinando os dramas interiores da personagem, e a fragmentação do eu em meio a um contexto de constante tensão e medo. De acordo com Márcio Selignmann-Silva (2000, p.92), compreende-se aqui o trauma como um acontecimento inesperado que não é totalmente compreendido/absorvido no momento que ocorre, mas retorna de modo repetitivo por meio de sonhos, obsessões, manias.

Nesse sentido, Isilda é uma das personagens mais complexas do romance, uma vez que representará na história o papel de filha de colonos, de mulher, de mãe e de colona portuguesa em África. O capítulo com a primeira fala dela começa da seguinte maneira:

Há qualquer coisa de terrível em mim. Às vezes à noite o murmúrio dos girassóis acorda-me e sinto o ventre aumentar na escuridão do quarto com aquilo que não é um filho, não é um inchaço, não é um tumor, não é uma doença, é uma espécie de grito que vai sair não pela boca mas pelo corpo inteiro e encher os campos como o uivo dos cães, e então deixo de respirar, agarro com força a cabeceira e os mil caules do silêncio flutuam devagarinho no interior dos espelhos, aguardando a claridade pavorosa da manhã. Em alturas assim penso que estou morta, cercada de cubatas e algodão, a minha mãe morreu, o meu marido morreu, os lugares deles sumiram-se da mesa e o que habito agora são compartimentos e compartimentos vazios cujas lâmpadas acendo ao crepúsculo para enganar a ausência.(ANTUNES, 1999, p.21)

Esse trecho é bastante significativo, porque ele demonstra o medo, o pavor que Isilda está sentindo perante a situação de solidão e perdas em que vive. Esse relato marca um momento de transformação da personagem, porque, com a partida dos filhos, Isilda retorna a sua casa e se percebe sozinha, abandonada em África: a fazenda já não produz mais, não há trabalhadores, restaram apenas quatro empregados na casa, 2 homens e 2 mulheres velhas; os grupos de guerrilha cada vez mais próximos da fazenda; ela não tem mais ninguém da família consigo, não há quem a proteja. É somente a percepção da fragilidade de sua situação que desencadeia em Isilda um processo de rememoração, de revisitação do passado, uma vez que as vivências do presente evocarão vivências do passado, interligadas e indiferenciadas em muitos momentos da narrativa. Constituindo-se, assim, num doloroso processo de tomada de consciência de quem ela foi, de como se comportou, de suas atitudes e das consequências disso no seu presente. E, talvez, o mais importante, a consciência de quem ela se tornou como mulher, colona, esposa, mãe em Angola. Esse medo da solidão está tão acentuado que Isilda sente seu corpo deformado, sente a necessidade de gritar, de pedir ajuda, e, o mais significativo, sente-se como se estivesse morta. Ela percebe que a vida dela acabou em Angola, não há esperança, o que a mantém viva são as lembranças boas que possui, principalmente, da sua infância.

Essa deformação do corpo corresponde, em Isilda, a um não reconhecimento de si

ao voltar a fazenda no regresso de Luanda, a casa mudara, conhecia os objetos e achava-os estranhos, conhecia as cadeiras e não me sentava nelas, o passado do retrato nas molduras cessara de me pertencer, quem diabo é este, quem diabo é aquele, a senhora acolá de braço dado com meu marido usa um chapéu que eu tive (ANTUNES, p.24)

Além de não se reconhecer nas fotos, Isilda também não se reconhece quando se olha no espelho, repetindo várias vezes que quem envelheceu foi o espelho, não ela. Essa dispersão do eu ocorre em virtude da sua situação de colona em Angola, são ressonâncias do mundo externo no mundo interno. As vivências de Isilda, desde sua infância até a velhice, são permeadas por momentos, por cenas de extrema violência, mortes, assassinatos, torturas, situações que serão determinantes para a sua condição psicológica instável e que beira, por vezes, o delírio. No entanto, é interessante notar que ela apenas percebe ou toma consciência de todas as situações de violência a que foi exposta ao rememorá-las a partir da situação de violência a que está exposta no presente, com a guerra civil e a solidão na fazenda. Em outras palavras, a violência ecoa nela no presente

e ela revive as cenas de agressividade a que assistiu ou impôs a alguém. Nesse sentido, é possível dizer que Isilda vive a morte de si na vivência da morte do outro.

A violência sempre existiu naquele contexto de colonização/descolonização em Angola, pois o passado já era violento, o que muda é a posição de Isilda em relação a isso, pois as agressões que antes ela impunha ou simplesmente assistia, agora acabam por atingi-la. Nota-se uma reversão na sua situação, pois da situação de colona dominante ela passa a viver na mesma posição dos seus empregados, vestindo-se e alimentando-se como eles, sendo, inclusive, ameaçada por guerrilheiros.

Esse descentramento ou fragmentação do eu vivenciado pela personagem é acentuado no romance pela sensação de não pertencimento a lugar nenhum, porque Isilda não era mais dona da sua fazenda, ou seja, não tinha um lugar em Angola, mas também não pertencia a Portugal, tanto que ela não retornou com os filhos

os que não engordarem o caju esquarterados nos trilhos e nos degraus das casas tornarão a Portugal expulsos através dos angolanos pelos americanos, os russos, os franceses, os ingleses que não nos aceitam aqui para chegarmos a Lisboa onde não nos aceitam também, carambolando-nos de secretaria em secretaria e ministério em ministério por uma pensão do Estado, despachando-nos como fardos de quarto de aluguel em quarto de aluguel nos subúrbios da cidade, nós e os mulatos e os indianos e inclusive os pretos que vieram conosco por submissão ou terror, não por estima, não por respeito[...] (ANTUNES, 1999, p.245).

Além disso, outra fratura na identidade da personagem se dá com relação a sua posição de mulher, pois o que ela e os outros esperavam é que cumprisse seu papel, ou seja,

uma mulher educada para ser dona de casa e ter um homem que se ocupasse dos negócios e de mim quem tinha de falar com os intermediários, com os fornecedores, convencer o estado a judar-nos, argumentar com os bancos a fim de prorrogar as dívidas, eu era, uma mulher que merecia uma vida como as mulheres dos vizinhos, jogar às cartas[...] (ANTUNES, 1999, p. 55-56).

Fato que também não se concretiza, visto que ela casa grávida com um homem que não a ama, com uma posição social inferior a sua e que não se interessa pelos negócios da família. Isso a obriga a assumir um papel masculino na condução dos negócios na fazenda, em Angola.

Apesar da reversão na situação de Isilda em Angola, a noção da diferença entre a colonizadora e a colonizada permanece nela até a velhice, mesmo a partir do momento em que as diferenças externas (roupas, perfumes, joias) entre ela e as empregadas já tenham desaparecido. E, ainda mais contundente, mesmo depois das empregadas fazerem todo o possível para proteger Isilda durante a fuga da

fazenda “ e nisto as mãos da Josélia[...] sobre a minha cabeça, o corpo da Josélia sobre o meu corpo, as suas pernas sobre as minhas pernas”. Quando, por fim, Josélia morre tentando protegê-la, Isilda diz

Uma última vez como se quisesse dizer qualquer coisa que eu não entendia, que o barulho do rio me não deixava entender, tentando desculpar-se do que eu não lhe desculpava porque tal como meu avô não admito liberdades nem má-criações a uma indígena, não consinto liberdades nem má-criações a uma fulana qualquer (ANTUNES, 1999, p.228).

Desse modo, na narrativa de *O esplendor de Portugal*, percebe-se que a identidade de Isilda é de fato instável e fraturada e que há uma estreita relação entre a estrutura fragmentada da narrativa e a crise de identidade da personagem, ou seja, a forma complexa de narrar das personagens/narradoras aponta para uma forma igualmente complexa de se ver como indivíduo. Nesse sentido, a mistura de vozes, de lembranças, às vezes num estado de quase alucinação, de tempos verbais, estruturalmente evidencia isso.

O contexto colonial, pós-colonial, permeado por todo tipo de violência, também se mostra determinante para o descentramento do indivíduo ou a constituição de identidades instáveis, não definidas. No que se refere a Isilda, a tomada de consciência do quanto ela, enquanto colona, mulher, contribuiu para o contexto de violência que a rodeava, ou ainda a violência que ela impôs aos outros, explicaria o “terrível” que há nela e que tanto a perturba desde o início da narrativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, António L. *O esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.  
 SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma.. In: *Catástrofe e representação*. Nestrovski, Arthur e Seligmann-Silva, Márcio (Orgs.). São Paulo: Escuta, 2000.  
 RIBEIRO, Margarida C. *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e PósColonialismo*. Porto, Edições Afrontamento, 2004.